

---

# HERANÇA DE SANGUE, DE IVAN SANT'ANNA: UM FAROESTE BRASILEIRO\*

---

RAPHAEL MARTINS RIBEIRO\*\*.EWERTON DE FREIAS IGNÁCIO\*\*\*

Resumo: *este artigo tem por objetivo apropriar-se do conceito de fronteira contextualizando-o no ambiente de exploração do cerrado goiano para compreender o contexto histórico-cultural representado no livro Herança de Sangue: um faroeste brasileiro (2012), de Ivan Sant'Anna. Além disso, também se buscará estabelecer pontos de contato entre essa narrativa e alguns elementos relativos à representação do faroeste norte-americano nas estéticas literária e fílmica.*

Palavras-chave: *Fronteira. Cerrado goiano. Literatura. Faroeste.*

**N**a história da humanidade, os períodos de expansão de um núcleo inicial e a conquista de novos territórios têm seus registros marcados por conflitos entre exércitos, povos, etnias, pelo choque das diferentes culturas, pela visão de dominador imposta pelo colonizador sobre os habitantes nativos, além das consequentes representações historiográficas e literárias, as quais, principalmente no segundo caso, podem ou não utilizar sua liberdade de representação para apropriar-se de determinados elementos e características e deixar outros à margem dessas escolhas, direcionando dessa forma o olhar do receptor de suas produções, visando a formação de determinados pontos de vista, símbolos, imaginário, etc.

Tem-se como exemplo dessas escolhas historiográficas e ficcionais o quanto o *go West* nos EUA e os discursos criados sobre este período de domínio dos desertos do oeste americano, de deslumbramento com as belezas naturais e de enfrentamento dos índios e a formação de um país democrático são permeados por representações seletivas, escolhendo

---

\* Recebido em: 02.09.2015. Aprovado em: 25.09.2015.

\*\* Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Mestrando no Mestrado Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado (TECCER/UEG), Campus de Anápolis. Bolsista Capes. E-mail: raphaelmartinsribeiro@gmail.com.

\*\*\* Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa com estágio pós-doutoral em Literatura Brasileira. Professor de Teoria Literária no curso de Letras da UEG, Campus de Anápolis e no TECCER/UEG. E-mail: ewertondefreitas@uol.com.br.

principalmente quais personagens serão os heróis ou os bandidos ao longo desse processo histórico. Ao discorrer sobre esse período da história norte-americana, Mary A. Junqueira afirma que “foi aqui, quando a jovem nação engatinhava, que os norte-americanos iniciavam uma versão sobre sua própria História, na qual a violência do processo de conquista dos territórios e o massacre e o confinamento dos índios ganhava um tom romancado”. (JUNQUEIRA, 2000, p. 4). Nota-se então que “mediante uma articulação de processos simbólicos, as pessoas não são apenas induzidas a acreditarem nas representações, mas, sobretudo, querem e pensam acreditar nelas” (PESAVENTO, 1995, p. 116), ou seja, a formação do imaginário e da identidade de um espaço é dada por diferentes fatores, entre os quais a articulação de processos simbólicos e suas representações influenciam de forma direta no seu produto final.

Tais reflexões são caras ao objetivo deste trabalho na medida em que o espaço do oeste americano no período de sua (re)conquista – considerando a ocupação indígena ser anterior aos colonos – com levas de imigrantes vindos de várias partes, configura-se como um espaço de fronteira, conceito amplamente utilizado nas ciências humanas que tratam de questões relacionadas a territórios, a suas ocupações e representações.

## FRONTEIRA: MOVIMENTO, CONCEITO, DEFINIÇÕES

A definição de fronteira mais difundida e utilizada, mesmo que seja para demonstrar sua incapacidade para casos específicos – como o atesta Sérgio Buarque de Holanda em *Caminhos e fronteiras* (1963) –, é a de Frederick Jackson Turner, um importante historiador americano do século XX. Segundo ele, fronteira seria uma região geográfica, caracterizada por áreas desocupadas (não considerando os indígenas), como um processo de adaptação a essa região, mas, principalmente, a fronteira como uma condição, ou seja, entendida como um conjunto complexo de experiências, transições e transformações ocorridas no ambiente natural. (TURNER, 2010).

Movimentos de fronteira seriam, então, ainda segundo a concepção de Turner (2010), deslocamentos espaciais e expansão do núcleo inicial, ou seja, o momento no qual determinado espaço “vazio” comporta movimentos de povos e, conseqüentemente, de culturas, modos, etnias, valores, configurando este local com identidades múltiplas, território de encontros e desencontros de diferentes temporalidades, mesmo que esta multiplicidade se mostre, em alguns casos, menos intensa que em outros. Exemplo disso está na diferença entre o caso de fronteira americano e o brasileiro, comparáveis graças às semelhanças de espaços – habitados por indígenas – com contornos geográficos pouco definidos, além de serem relevantes na formação da identidade nacional. Ao passo que nos Estados Unidos esses movimentos significavam liberdade, com a fronteira sendo fundamental para o domínio de espaços geográficos e a construção da identidade e da democracia dessa nação (CAMPOS, 2013, p. 41), além de significar, conforme Nísia Trindade Lima (1998), a universalização do núcleo inicial puritano, ou seja, a predominância da cultura do centro em expansão perante as transições culturais do local, no Brasil, mesmo com o embasamento nos conceitos trabalhados por Turner, a fronteira foi representada principalmente por sua situação de conflito, “a violência representava os (des) encontros por meio de enfrentamentos entre pioneiros e indígenas, posseiros e grileiros, coronéis – com seus jagunços – e camponeses, caracterizando os domínios da fronteira como o tempo da barbárie”. (CAMPOS, 2013, p. 42).

Essa condição da fronteira no Brasil foi construída, em parte, por conta dos diferentes objetivos e significações que o sertão brasileiro adquiriu durante seu período de povoamento e exploração. Num primeiro momento, é importante perceber que a condição de espaço de conflito e barbárie dialoga com algumas definições do termo *sertão* trabalhadas por intelectuais. Etimologicamente, essa palavra:

[...] seria oriunda de *desertão*; seu sentido encontra-se, segundo dicionários da língua portuguesa dos séculos XVIII e XIX, em uma dupla ideia – a espacial de interior e a social de deserto, região pouco povoada (cf. MADER, 1995, p.2). Este sentido é reafirmado por Sérgio Buarque de Holanda Ferreira, que define *sertão* como “1. Região agreste, distante das povoações ou das terras cultivadas; 2. Terreno coberto de mato, longe do litoral; 3. Interior pouco povoado” (LIMA, 1998, p. 57).

Ao analisar detalhadamente essa citação à luz das definições de fronteira, nota-se que há diálogo constante, afinal “*desertão*” relaciona-se à ideia de *hollow frontier* (fronteira buraco) e aos espaços vazios. É ainda uma “região pouco povoada [...] distante das povoações”, ou seja, deslocamentos espaciais para territórios pouco povoados e expansão do núcleo inicial, lugar das terras cultivadas, povoadas e “civilizadas” do litoral.

## BANDEIRANTES: DESBRAVAMENTO DO SERTÃO E VIOLÊNCIA

As vivências no interior das terras do pau-brasil, distantes da “civilização litorânea”, região densamente povoada por estrangeiros, na qual houve maior contato com os costumes da corte portuguesa e que, no século XVIII, após dois séculos recentes de colonização, já se permitia ter o olhar de colonizador moderno perante as vastas e ricas regiões dos sertões brasileiros, atribuindo-se à figura emblemática do bandeirante o representante do movimento de fronteira. Lucia Lippi (1998) considera que um dos desdobramentos do mito do sertão é o bandeirante, responsável pelo aumento do espaço territorial da colônia portuguesa nos séculos XVII e XVIII. O movimento das bandeiras constitui a principal experiência de fronteira na história brasileira.

Como se mencionou, o bandeirante é visto como uma representação da fronteira no Brasil. Sua imagem é lembrada como a do homem desbravador dos sertões, ousado, destemido para com as mais diversas dificuldades: estradas, longas distâncias, tribos indígenas resistentes, tropas com diferentes tipos sociais, grande número de escravos num constante risco de rebelião ou fuga, alimentação escassa, entre outros. Sergio Buarque de Holanda, em sua obra *Caminhos e fronteiras* (2008), refere-se ao que alguns consideram como uma vantagem dos bandeirantes sobre os índios por conta do uso da arma de fogo e de outras tecnologias consideradas avançadas para o período. Não obstante isso,

Em compensação, os sertanistas tinham que contar, durante suas audaciosas jornadas, com mil outros perigos e incômodos. Não só as moléstias, mas ainda a fome, a sede, o gentio brabo, os animais peçonhentos e agressivos, compunham um vasto cortejo de ameaça, contra os quais deveriam precaver-se os que se embrenhavam na selva. (HOLANDA, 2008, p. 91)

Lucia Lippi (1998) acrescenta a esse debate a imagem polêmica assumida pelas bandeiras, devido justamente à sua importância na construção da memória histórica do país.

De um lado estaria a visão já referida, de que esses desbravadores dos sertões tenham sido os verdadeiros construtores da nacionalidade pela bravura e integridade de sua conduta. Segundo esta visão, as bandeiras também eram um caminho de se alcançar certa nobreza devido à possibilidade de ascendência nos ofícios militares, gerando orgulho de classe e afirmação de valores aristocráticos. Outro ponto de vista trata os bandeirantes como assassinos, genocidas, simples instrumentos da classe dominante.

Tais abordagens dessa figura emblemática do período de adentramento nos sertões brasileiros são fundamentais nas reflexões da cultura do sertanejo, pois é exatamente nessa travessia de tropas pelas matas que se iniciam as trocas culturais entre bandeirantes e indígenas, resultando então na configuração do sujeito interiorano. Note-se também que, expostos a todo tipo de riscos, os bandeirantes permaneciam em uma situação de alerta permanente, de reações rápidas, de uma real luta pela sobrevivência. Tálliton T. R. L. de Moura (2015, p. 28), ao se referir a este período, disserta o seguinte:

Contudo, não era apenas a cultura material indígena que influenciava os pioneiros no Brasil. As dificuldades enfrentadas no interior brasileiro teriam um efeito direto na sua postura social, criando um indivíduo arisco e receoso do meio que o circunscreve. Dessa maneira, os bandeirantes, em contato com os perigos da selva, adquiriram uma postura constante de combate e violência, visto que a urbanidade europeia não era aplicável em um mundo hostil como o do interior do Brasil. A constante guerra contra feras, grupos indígenas, animais peçonhentos e a própria natureza criou um novo ser que precisava se afastar da domesticação dos costumes europeus e brutalizar-se para poder sobreviver. (MOURA, 2015, p. 28)

Constata-se que a cultura da violência relacionada aos sertões tem início neste período. Tal constatação, somada às condições já referidas de isolamento geográfico, dificuldades de comunicação, ausência de poder público, foram todos fatores que influenciaram na formação da cultura sertaneja, do homem cordial<sup>1</sup>, da valentia<sup>2</sup>.

## CULTURA E RELAÇÕES SOCIAIS E ECONÔMICAS NO CERRADO GOIANO

Especificando ainda mais este processo de exploração do sertão brasileiro, chega-se finalmente ao estado de Goiás, território com especificidades históricas e geográficas que influenciaram diretamente em sua formação social e cultural. “A Província de Goiás foi descrita como a ‘fronteira da fronteira’ devido ao seu isolamento, às dificuldades de acesso e à decadência gerada pela escassez dos recursos naturais decorrentes da exploração das minas de ouro e o seu esgotamento no final do século XVIII”. (CAMPOS; SILVA, 2013, p. 42).

Nesse estado, somam-se três características elementares na sua configuração cultural, trabalhados por David McCreery (2006): a condição de arquipélago do sertão brasileiro, com a qual as diferentes regiões se comunicavam pouco ou nada, cada uma produzindo então seus próprios meios de produção, plantação e distribuição de poder (*Swiss Chesse Frontier*); a exclusão dos indígenas, principalmente no período das bandeiras (*Frontier of Exclusion*), e o domínio da pecuária (*Cattle Frontier*). Esses três fatores construíram uma condição de baixo giro de capital – principalmente devido às longas distâncias e péssimas condições das estradas, o que rareava o comércio de produtos – e, desse modo, as posses eram representadas por quantidade de terras e por cabeças de gado.

Nota-se nesta condição da falta de poder econômico (capital) na Província de Goiás e a ascendência da pecuária como principal produto de comercialização – o gado se torna tão importante principalmente por ser um produto que se autolocomove –, uma forte influência para traços culturais característicos deste território. Esse tipo de patrimônio junto à falta de poderes públicos representantes do Estado gerava uma condição de manutenção do poder dos senhores de terra através da força, da violência e da brutalidade. Isso era alcançado por meio de concessões de terras para trabalhadores rurais, desde que retribuíssem aos coronéis com todo tipo de trabalho, desde vigiar o gado até assassinar inimigos. O próprio título de coronel foi concedido pelo governo no período inicial da Província de Goiás aos senhores com muitas posses na região para auxiliarem na ordem pública.

É nesse espaço isolado que ocorrem diversos tipos de conflitos: coronéis e camponeses, índios e bandeirantes, fatores que, como foi exposto, influenciaram diretamente na formação da identidade goiana. Trazendo João Guimarães Rosa com seu poético e denso *Grande Sertão*: veredas (1956) à reflexão, temos: “Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões ... O sertão está em toda parte” (ROSA, 1956, p. 24). Esta assertiva vem precedida de um trecho que discorre sobre características encontradas no trabalho de uma grande maioria dos estudiosos sobre espaços sertanejos no Brasil, demonstrando o embasamento para Guimarães Rosa afirmar que o sertão está em toda parte: “Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade” (ROSA, 1956, p. 24).

Esses trechos foram trazidos à reflexão em virtude de sua aplicação crítica ao contexto estado de Goiás no período de sua exploração e para trazer a literatura à discussão. A seguir, será feita uma análise dos aspectos da narrativa em *Herança de sangue*: um faroeste brasileiro (2012), compreendendo-a como uma produção literária que estabelece diálogos com elementos históricos da construção da cultura e identidades do cerrado goiano.

## FIGURAÇÕES DO FAROESTE EM *HERANÇA DE SANGUE*

Publicado em 2012 por Ivan Sant’Anna, *Herança de Sangue* apresenta uma estrutura que o aproxima do texto jornalístico, sendo a narrativa rápida e dinâmica, o que acaba por dialogar com próprio enredo, o qual apresenta personagens fortes, incisivas e ativas. A história é ambientada na cidade goiana de Catalão, onde Ivan Sant’Anna morou parte da sua infância, na casa de seus avós. Além disso, seu pai residiu nesta cidade em grande parte da sua infância e juventude. Sendo assim, parte das fontes para produção do livro é oriunda de relatos orais dos próprios moradores da cidade, por mais que parte deles os fizesse com certo desconforto por conta do passado carregado de memórias tristes e violentas. Numa nota introdutória, o autor diz que “os habitantes mais antigos da cidade de Catalão [...] nos relatos orais que faziam da história da cidade, costumavam chamar de *Fogos* apenas dois tiroteios: O *Primeiro Fogo*, ocorrido em 1892; e o *Segundo Fogo*, em 1897” (SANT’ANNA, 2012). Além dos depoimentos, o autor também trabalha com extensa bibliografia sobre a cidade, fotos, documentos e um *blog*. Desse modo, seu romance apresenta uma narração do período de formação de Catalão com base em extensa pesquisa encadeada e organizada em forma de enredo<sup>3</sup>, o qual é apresentado em parágrafos curtos, distante das descrições pormenorizadas do realismo, detalhando características de forma selecionada, construindo o espaço romanesco por meio de elementos que configurem esta cidade como um digno far-centro-oeste:

É também uma história de faroeste. Mais especificamente, do nosso far-centro-oeste (se o leitor me permite a inventiva e o anglicismo). Fosse o Brasil a cultura universal dominante, nossa Hollywood já teria descoberto, e tornado famosa, Catalão. Pois a cidade goiana nada fica a dever a Tombstone, no Arizona (com seu famoso duelo no O.K. Corral), Dodge City, no Kansas, Laredo, no Texas, e outras que os banguê-banguês imortalizaram (SANT'ANNA, 2012, p. 17-8).

O livro é organizado em vinte e um capítulos, dentre os quais apenas o primeiro – intitulado “Domingo, 16 de agosto de 1936” – não se insere numa ordem cronológica. O fato narrado neste capítulo é o assassinato do farmacêutico e poeta Antero da Costa Carvalho, preso por ser o mandante da tocaia para o fazendeiro Albino Felipe em razão de um prejuízo de três contos de réis num negócio de bois feito em Goiandira. Dentre os vários assassinatos por tocaia, vingança, disputa de poder local ou simples desentendimento, este merece atenção especial pela brutalidade praticada neste dia marcante na história da cidade.

Por volta de 1932, o povo de Catalão conheceu Antero da Costa Carvalho. Homem com conhecimentos farmacêuticos adquiridos já em idade adulta, na cidade de Campo Grande, manipulava remédios, sabia aplicar injeções, clisteres e outras mezinhas. Conheceu Amélia, sua futura esposa, quando ela era cafetina. Os dois passaram a morar juntos sem se casarem, já que a lei não permitia tal ação para divorciados. Tem-se, então um casal urbano, um homem com conhecimentos farmacêuticos caríssimos numa época em que a população da cidade de Catalão não mantinha contato frequente com os avanços da medicina. Eis que este casal parte para a fazenda de Albino Felipe do Nascimento, numa região nos arredores de Catalão. Tem-se então o entrecruzamento de urbano e rural, moderno e arcaico. Inicia-se então mais uma história num ambiente de fronteira que promete aventura, poder e crescimento.

No período de estadia do casal na fazenda de Albino, Antero já se tornou popular fazendo partos, consultas para as famílias dos empregados, receitando remédios, escrevendo cartas, ou seja, as qualidades de um homem moderno tiveram grande serventia para os habitantes locais. Além disso, a proximidade cada vez maior entre Albino e Antero logo os tornou compadres e, como era costume na região, tornaram-se sócios no gado. Aqui a *Cattle frontier* (McCREERY, 2006) já referida torna-se presente na trama. A cultura da pecuária, princípio do poder exercido pelos senhores coronéis e/ou fazendeiros, inicia Antero nos modos tradicionais praticados em Goiás. Vale lembrar que a fronteira gado traz em seu bojo a cultura da violência, da brutalidade e da vingança, além da posse de grandes extensões de terra e um alto número de cabeças de gado nas mãos de poucos senhores.

Em pouco tempo Antero se instalou na cidade de Catalão. Comprou uma casa e arrendou o Cartório de Registro Civil, conquistando rapidamente a confiança da população, recebendo como pagamento por seus serviços cabeças de gado, porcos, gêneros alimentícios – mais uma vez a situação gerada pela falta de capital adaptando o poder por outros meios. Esta rápida ascensão gerou, naturalmente, um desconforto nos médicos locais e ameaças de denúncias contra curandeirismo, mas nada que tenha intimidado Antero. Entretanto, o local no qual este enredo se desenvolve é a cidade de Catalão, logo, “[...] fama, em Catalão, era coisa para pistoleiros. Gente que sabia defender, à bala, sua reputação. Não para janotas que falavam macio, recitavam poesias e conseguiam ganhar dinheiro numa época de tanta miséria.” (SANT'ANNA, 2012, p. 150).

No trecho da trama situado entre a rápida ascensão de Antero e o desfecho de sua

história, nota-se o diálogo da narrativa de Ivan Sant’Anna com o *western* americano. Algumas características desse estilo cinematográfico – recorrência à violência, uso de armas de fogo, a importância da truculência, crimes por encomenda, dentre outros – se verificam no contexto narrativo de *Herança de sangue*. Além disso, a construção objetiva, impactante e violenta da obra, tal como se pode verificar em obras literárias e cinematográficas de faroeste, constroem uma tensão, com seu respectivo clímax, que prepara o espectador/leitor para o desfecho da trama ou de uma de suas partes.

Tem-se, dessa maneira, espaço para a construção de um espaço de violência que permeia o espaço objetivo apontado pelo romance, ou seja, ao espaço físico, concreto em que se passam as ações da obra, soma-se o espaço simbólico da violência e do poder do mais forte. De acordo com Maurice Merleau-Ponty (2006) e Mikhail Bakhtin (2011), o espaço é compreendido como um lugar praticado, um ambiente percebido por um sujeito com subjetividades, sendo a primeira delas a sua própria visão, somada – no aspecto narrativo aqui abordado – aos objetivos da construção do espaço por um escritor/narrador (dualidade do jornalismo-literário) que traz figuras da narrativa de faroeste americano para o cerrado brasileiro.

Essas ideias também condizem com a estratégia de Ivan Sant’Anna, na medida em que a visão e a descrição do escritor/narrador selecionam os elementos dispostos e as ações das personagens de forma específica, para tornar então o *lugar* de sertão/cerrado da cidade de Catalão no *espaço* “faroesteano”, com violência, sangue e homens valentes, dispostos a matar e a morrer. A descrição desse espaço foi feita em quatro parágrafos curtos, resumidos na citação a seguir – com as frases ou palavras que demonstram um ponto de vista narrativo específico sobre o lugar e a confluência de diferentes tempos históricos destacados em itálico.

O pouso do Catalão, situado entre a Colina da Saudade e o Morro das Três Cruzes, já tinha sido *palco de homens arrojados* [...] No *antigo chafariz* do Largo da Igreja, muitas vezes o Índio Afonso lavou do *punhal o sangue fresco* de suas vítimas. Na rua do comércio, o senador Paranhos foi chacinado [...] Na primeira curva da linha do trem, Isaac da Cunha liderou o *massacre* dos ferroviários. Em longas noites, *enlameadas* nas chuvas ou cobertas do *pó da estiagem*, Salomão de Paiva fez valer o *terror* [...] Cabeleira, sempre pronto para *matar ou morrer*. Mas a grande página de *sangue* não havia sido escrita. Começava a ser esboçada desde o instante em que o poeta Antero Carvalho pisou pela primeira vez o solo vermelho das terras do Catalão (SANT’ANNA, 2012, p.151, grifos nossos).

Ao analisar o texto de J. W. Goethe *Viagem à Itália 1786-1788* (1999), Mikhail Bakhtin faz uma reflexão sobre a capacidade de Goethe encontrar o *movimento visível do tempo histórico*, inseparável da ambiência natural e de todo um conjunto de objetos criados pelo homem e substancialmente vinculados a essa ambiência natural (BAKHTIN, 2011, p. 233). Tendo em mente esse método teórico e crítico de análise, notam-se em *Herança de sangue* escolhas narrativas que constroem espaços representativos. A ambientação da cidade de Catalão feita nos quatro parágrafos referidos comporta delimitações que direcionam o olhar do leitor para elementos específicos presentes em diferentes tempos sociais – alusões a épocas sociais pretéritas, em que talvez os homens fossem mais valentes –, além de manter diálogo com símbolos e características referentes ao estilo de faroeste americano<sup>4</sup>.

Na noite do dia 14 de agosto de 1936, Chico Prateado, jagunço que havia matado o fazendeiro Albino Felipe, fugiu da cadeia com o auxílio de João Sampaio. O desfecho da

história de Antero Carvalho começava a se revelar. Único preso na cadeia, responsável pelo assassinato de um fazendeiro da região de Catalão, a vingança tornava-se clara e iminente a Antero, o que aconteceu no já referido dia “16 de agosto de 1936”, renomeado no último capítulo para “A longa noite dos punhais”. No primeiro capítulo, Ivan Sant’Anna caracteriza os jagunços que chegaram à cidade para assassinar Antero como “[...] estranhos cavaleiros [...] Os homens misteriosos trajavam-se com apuro, como se estivessem ali para algum tipo de cerimônia. O líder do grupo, um camarada alto e forte, vestia uma capa preta” (SANT’ANNA, 2012, p. 22). Nota-se a referência implícita ao tipo de cowboy<sup>5</sup>, personagem típica do estilo de faroeste: alguém trajado de vestimenta específica, disposto a matar e a morrer. Já no último capítulo, essas personagens são nomeadas: “O grupo, liderado por João e Divânio Sampaio, compunha-se em sua maioria por fazendeiros amigos do velho Albino Felipe, assassinado três meses antes. Todos se vestiam com austeridade [...]”. (SANT’ANNA, 2012, p. 164). Esta escolha da repetição do mesmo fato narrado de maneiras distintas, além de quebrar a linearidade do tempo, demonstra o diálogo entre a literatura do cerrado e o faroeste americano ao apresentar ao leitor logo nas primeiras páginas uma ambientação violenta, misteriosa, ao passo que a narração da mesma cena – apresentada após toda a descrição dos fatores influentes para esse desfecho –, põe em cheque a catarse do espectador, na medida em que as personagens e os fatos são mais claramente delineados.

Verifica-se, dessa maneira, que, em *Herança de sangue*, o autor não apenas constrói uma narrativa cuja estrutura se aproxima dos textos jornalísticos, como também da linguagem fílmica e literária do faroeste norte-americano: histórias repletas de homens violentos, dispostos a passar por cima de quem quer que seja para terem seus objetivos alcançados e dispendo, para tal, de toda truculência que venham julgar necessária. Também se nota a construção de uma narrativa fronteira, na medida em que o romance aponta para as transformações que se operam, paulatinamente, no ambiente agreste e hostil do cerrado: mudanças que, em seu bojo, anunciam um novo tempo, o da modernidade que se prenuncia e que, em última análise, acabará por encerrar o ciclo da violência pela força e iniciará a era que subsistirá sob a égide da dominação pelo capital e pelo viés do discurso utilizado como estratégia de manipulação e dominação.

#### HERANÇA DE SANGUE, BY IVAN SANT’ANNA: A BRAZILIAN WESTERN

Abstract: *the objective of this work is to appropriate the concept of frontier contextualizing it in the Brazilian cerrado operating environment, in this specific case of the state of Goiás, to understand the historical and cultural context represented in the book Herança de Sangue: um faroeste brasileiro (2012), by Ivan Sant’Anna. We also will seek to establish ways of contact between this narrative and some details of the representation of the American Wild West in literary and filmic aesthetics.*

Keywords: Frontier. *Cerrado goiano*. Literature. Western.

#### Notas

- 1 “O homem cordial é um tipo social criado por Holanda (2011) para representar as características básicas da sociedade brasileira. A cordialidade é o elemento que vai determinar a interseção das esferas públicas e privadas, como características dessa sociedade, pois, para ele, o Estado brasileiro é uma extensão das relações familiares. Assim, a aproximação pessoal é transposta para a esfera pública onde as supostas relações se tornam uma expressão da familiaridade entre os indivíduos” (MOURA, 2015, p. 29-30).



- 2 Exemplo claro do homem cordial e sua valentia está no conto presente na *Antologia do Conto Goiano* (1993), intitulado “Paciência de Goiano”, de Bariani Ortêncio. Um personagem típico das histórias sertanejas, peão que se sai muito bem nos pagodes, galante com as damas, tocador de viola, se apaixona pela filha de um trabalhador rural. O pai da moça, ao saber do boato sobre o romance, nada disse ou fez. O galante vai à casa da moça, diz que irá levá-la de qualquer forma. A mãe da dama fica aflita e o pai não reage. Alguns minutos após a saída do novo casal, o som de dois tiros ressoam pela serra: o pai da moça, apesar da idade, mantinha sua ótima mira, acertou o galante no braço e no peito.
3. Forster (1998, p. 69) afirma “Definiríamos enredo como uma narrativa de acontecimentos dispostos em sua sequência no tempo. Um enredo também é uma narrativa de acontecimentos, cuja ênfase recai sobre a causalidade. ‘O rei morreu e depois a rainha’ – isto é uma história. ‘Morreu o rei, e depois a rainha morreu de pesar’ é um enredo. A sequência no tempo é preservada, mas o sentido da causalidade obscurece-a”.
4. Os símbolos e características de faroeste considerados nesta discussão são: violência, valentia, *cowboy*, código de honra, sertão, índios e, enquanto aspecto narrativo, uma confluência entre objetividade e ambientação que resulta numa tensão prestes à resolução radical das ações.
5. Segundo Rieuepyrout (1963), o modelo clássico de herói no *western* possui as seguintes características: não bebe, não fuma, prefere o cavalo à mulher, está sempre acompanhado de uma figura cômica e lerda, é popular pelo vigor físico e tem grande força moral. Pode ter também um passado nebuloso e possui charme para conquistar as heroínas puras (1963, p. 35). Vale lembrar que, segundo Fohlen (1989), no *western* o *cowboy* não é o único herói, pois seguidamente enfrenta a concorrência dos índios, dos agentes postais, das damas, dos mineiros, enfim, de toda essa fauna variegada e colorida que habita o oeste (1989, p.106).

#### Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- CAMPOS, Francisco Itami; DUTRA, Sandro. *Coronéis e camponeses: a fronteira da fronteira e a tese da “ficção geográfica” em Goiás*. In: SILVA, Sandro Dutra, PIETRAFESA, José Paulo, FRANCO, José Luiz de Andrade, DRUMMOND, José Augusto, TAVARES, Giovana Galvão (Orgs.). *Fronteira Goiás: sociedade e natureza no Oeste do Brasil*. Goiânia: PUC Goiás, 2013. p. 39-54
- FOHLEN, Claude. *O faroeste, 1860-1890*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- FORSTER, Edward. *Aspectos do romance*. Trad. M. H. Martins. 2. ed. São Paulo: Globo, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1963.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. O imaginário da conquista do Oeste e as representações sobre América Latina na revista Seleções do Reader s Digest. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 00, p. 97-108, 2000.
- LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan, 1999.
- McCREERY, David. *Frontier Goiás, 1822-1889*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 2006.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Flávia Cristina de Souza Nascimento. São Paulo: Papirus, 1988.
- MOURA, Tálliton Leonel de. *A fronteira de sangue: história e literatura nas representações da violência em Goiás na passagem dos séculos XIX e XX*. 2015. 132 f. Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado) - Universidade Estadual de Goiás - UEG, Anápolis, 2015.

- PERDIGÃO, Paulo. *O western clássico: gênese e estrutura de Shane*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.
- PESAVENTO, Sandra Jatay. Relação entre História e Literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (século XIX e XX). *Anos 90*, Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 115-127, dez. 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6158/3652>>. Acesso em: 15 maio. 2015.
- RIEUPEYROUT, Jean Louis. *O western ou o cinema americano por excelência*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1963.
- SANT'ANNA, Ivan. *Herança de sangue: um faroeste brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- TURNER, Frederick Jackson. *The frontier in American history*. Mineola, New York: Dover Publications, 2010.